

Instructional Technology - Past, Present and Future

Maria Isabel Rodriguez

ANGLIN G. (ed.). *Instructional Technology - Past, Present and Future*. Englewood, Colorado: Libraries Unlimited, Inc. 2a. edição. 1995.

Tecnologia Educacional, Instrucional? Planejamento Educacional, Instrucional? Projeto ou Design Educacional, Instrucional? Projeto de Sistemas Educacionais? Quem milita na área sabe: nada mais difícil do que definir claramente o que fazemos e o espaço onde atuamos.

Definições a parte, o fato é que a área - se não foi "inventada" por lá - começou a ser organizada como ciência nos Estados Unidos, na segunda metade do século passado. Enquanto isto, aqui no Brasil, muitos professores e pedagogos já então realizavam as tarefas que entendemos como aquelas do tecnólogo educacional, sem ainda entender que estavam fazendo a história da tecnologia educacional brasileira.

Leitura obrigatória para quem quer entender melhor as origens e refletir sobre as perspectivas da área, é o livro **Instructional Technology - Past, Present and Future**, editado por Gary J. Anglin. O autor reuniu nas 430 páginas da segunda edição do livro, artigos de cinquenta e dois especialistas e professores de instituições e universidades americanas, escritos na "época de ouro" da tecnologia educacional nos Estados Unidos e revistos para a nova edição (1995). E, ainda que as novas tecnologias da informação sejam apenas uma perspectiva e mereçam poucos artigos no livro de Anglin, a leitura do livro é fascinante e indispensável para os que estão escrevendo ou vão escrever a história da tecnologia educacional no Brasil. As diferentes visões e o visível esforço dos autores em delimitar e bem definir o enfoque que têm sobre a área nos remetem a questões similares ligadas à educação e instrução em nosso país.

Para facilitar o trabalho do leitor, o editor organizou os trinta e oito artigos da publicação em seis capítulos: a área: história e panorama; questões críticas; desenvolvimento instrucional; estado-da-arte, aplicações e perspectivas; pesquisa e avaliação e, certificação e desenvolvimento profissional. Enfim, se o leitor eventualmente não encontrar respostas objetivas às suas dúvidas maiores, certamente vai se deixar levar pelo rico e encadeado discurso das mais conceituadas "cabeças" no cenário americano. Sem dúvida alguma, porém, o leitor vai encontrar material suficiente para uma reflexão profunda sobre esta área apaixonante e certamente terá muitas idéias que o ajudarão a entender aspectos do desenvolvimento da tecnologia educacional no Brasil.

Difícil é escolher apenas alguns dos artigos para destacar, apenas para abordarmos, por exemplo, a questão da definição da área. Mesmo os artigos que não se propõem a aprofundar a questão acabam mencionando o assunto e também ali podemos encontrar respostas, originadas por visões tão iguais e/ou tão diferentes sobre o campo da tecnologia educacional. No entanto, no fundo, difícil mesmo é não se sair mais esclarecido - e cheio de anotações - da leitura do livro.

Folheando o livro nesta resenha, nos deparamos, então, logo de início com Cass Gentry, da Universidade de Michigan, apresentando uma série de definições para tecnologia educacional, ressaltando que este é o mais difícil constructo a definir, sendo que as especulações sobre a área servem como fermento e tempo de oportunidades para mentes preparadas. Se respiramos aliviados, logo somos apresentados a uma

série de definições sobre tecnologia instrucional, propostas por diversos autores e adotadas por diferentes instituições americanas desde 1968.

Mais adiante, Gentry e Csete nos brindam com o que eles propõem como sendo o desenho da área da tecnologia educacional americana e nos contam sua história. Logo em seguida vamos encontrar autores como Sharon Schrock, da universidade de Southern Illinois, resumindo a história daquilo que denomina Desenvolvimento ou Tecnologia Instrucional, ressaltando a ausência de unanimidade e consenso em relação à definições e Shirl Schiffman, da Universidade de Virginia, destacando a ambiguidade do termo e nos apresentando sua visão da área. Don Ely, da Universidade de Syracuse, e Marcy Driscoll, da Universidade Estadual da Florida destacam, cada um em seu artigo, o caracter processual da área enquanto Anne Bednar e outros, da Eastern Michigan, decidem-se pelo termo tecnologia de sistemas instrucionais para rotular a área, ressaltando que sua natureza eclética é necessariamente uma força a seu favor.

Jogando mais lenha na fogueira, Robert Heinich, profissional liberal, e Keith Garland, da Arthur Anderson, em seus artigos, nos fazem refletir sobre tecnologia instrucional como parte integrante de uma visão mais ampla de tecnologia. Enquanto o primeiro nos sugere o alinhamento da tecnologia instrucional com o gerenciamento de projetos instrucionais, o segundo nos trás suas reflexões sobre os tecnólogos instrucionais como agentes de mudanças, com barreiras a superar para uma difusão benéfica das tecnologias instrucionais nos diferentes contextos. Enquanto isto, Charles Reigeluth, da universidade de Indiana, nos apresenta uma definição de desenvolvimento de sistemas instrucionais e relaciona o conceito ao desenvolvimento de sistemas educacionais, tudo na maior coerência.

Robert Reiser e David Salisbury, da universidade Estadual da Florida, nos relatam suas visões sobre a significância do papel da tecnologia instrucional nas escolas públicas americanas e, num exercício de futurologia, antevêm a próxima década, esta em que nos situamos presentemente. Vale a pena conferir, até mesmo porque pode nos ajudar a refletir sobre como queremos prosseguir escrevendo nossa própria história enquanto tecnólogos educacionais. Alexander Romiszowski, da Universidade de Syracuse, por sua vez, discute a difusão da área em alguns países. Em seu artigo, dentre exemplos de sucesso, aponta o que seria a implantação inadequada da tecnologia educacional em diferentes culturas que estão adotando esta criação americana, porém já não mais um fenômeno apenas americano.

Artigos sobre o projeto da mensagem instrucional (Grabowski), sobre as tecnologias interativas emergentes (Schwier), análises comparativas de modelos de design instrucional (Andrews e Goodson), reflexões sobre o levantamento de necessidades (Rosset), análise de tarefas e procedimentos em projetos educacionais (Jonassen e Hannum), sugestões para o treinamento de estratégias cognitivas na resolução de problemas técnicos (Foshay) e mais outros tantos que nos mostram um panorama bastante completo da área, feito por renomados profissionais que nela militam.

Enfim, toda esta riqueza aqui mencionada é apenas uma parcela ínfima do livro editado por Anglin. A esta altura, certamente, o editor já terá reunido material para a terceira edição desta história sem fim sobre a tecnologia educacional, agora com ênfase nas novas tecnologias da informação e comunicação. Nos seis capítulos do livro, publicado na época em que a Web começava realmente a se popularizar, já é possível percebermos a atenção e o interesse que os articulistas dirigiam às novas tecnologias, buscando antever seu potencial na facilitação do aprendizado. Alí também podemos vislumbrar as mudanças de paradigmas em curso. Se tudo isto ainda não foi

suficiente para atrair o interesse do leitor, resta a beleza que a publicação tem, como produto de um tempo em que ainda era possível uma reflexão mais lenta, quem sabe mais profunda, sobre nossos próprios caminhos e descaminhos.

* Maria Isabel Rogriguez, especialista em Ergonomia, profissional de T e D/RH da DATAPREV, mestranda em Design Instrucional na Syracuse University/EUA.